

# US NAVAL ACADEMY – VISÃO DE UM ASPIRANTE\*

VICTOR C. COIMBRA DA SILVA  
Aspirante  
RAFAEL DE AQUINO HERNANDES  
Aspirante

---

## SUMÁRIO

Um pouco de história – Fort Severn e a Naval Academy  
O dia a dia dos midshipmen – rotina dos aspirantes  
*Plebes and firsties* – os *ranks* da academia  
Nova Iorque e Washington  
O fim

### UM POUCO DE HISTÓRIA – FORT SEVERN E A NAVAL ACADEMY

Logo ao chegarmos à Academia no dia de sábado, conduzidos pelo Capitão de Corveta Perrota, começamos a nos surpreender: O Yard – como é conhecido o gigantesco *campus* da Academia – é uma verdadeira aula viva sobre a História da Marinha Americana e os feitos de seus grandes he-

róis, além de um lugar belíssimo. Às margens do Severn River, os prédios da Academia se erguem angulosos e imponentes, recebendo todos nomes de vultos navais, juntamente com inúmeros bustos e estátuas que também prestam homenagens a grandes homens e seus feitos.

Fundada em 1845, impressionou-nos descobrir que a Academia, por ocasião de sua fundação, contava com apenas 50

---

\* Como sugere o título, o objetivo deste artigo é tentar passar ao leitor, brevemente, as experiências que dois aspirantes brasileiros, autores do texto, vivenciaram na US Naval Academy, em Annapolis, Maryland.

Texto publicado originalmente na *Revista de Villegagnon* nº 4/2009, págs. 52-55.



*midshipmen* e sete professores e que hoje, decorrido pouco mais de um século e meio, atinge a marca de 4.400 *midshipmen* com cerca de 600 professores (entre militares e civis).

Após termos sido apresentados aos *midshipmen* que iriam nos acompanhar, fomos levados aos camarotes que iríamos ocupar no Bancroft Hall (o conjunto de prédios interligados nos quais se localizam os camarotes e os comandos das companhias), onde ocupamos camarotes separados, a fim de que pudéssemos realizar uma imersão total no idioma.

### O DIA A DIA DOS MIDSHIPMEN – ROTINA DOS ASPIRANTES

Durante o período em que estivemos na US Naval Academy (a partir de agora, a chamaremos de USNA), tivemos a oportunidade de vivenciar *in loco* a rotina de seus aspirantes e participar de diversas atividades extremamente interessantes. Pudemos, por exemplo, assistir a aulas de Controle de Sistemas, Estruturas, Civilização Ocidental, Geografia Econômica, Engenharia Elétrica, entre outras.

Participamos também de atividades profissionais de Fuzileiros Navais e Oficiais de Superfície (Marine Corps Practicum and the SWO Practicum), aulas de Artes Mar-

ciais e tivemos a chance de participar do que lá é conhecido como Yard Patrol Lab, que consiste no que conhecemos como Saída-Tipo nos Avisos de Instrução.

Nas duas semanas em que lá estivemos, percebemos que a rotina básica dos *mids* (abreviatura para *midshipmen*, pela qual os aspirantes chamam uns aos outros mais comumente) é muito semelhante à de nossa Escola Naval, com a diferença de que lá, mais semelhante a uma universidade, o aluno escolhe uma graduação e monta seus horários baseados numa grade básica.

Cabe ressaltar que esse é o currículo base e que, além das matérias da grade básica, o *midshipman* deve cursar as matérias obrigatórias e eletivas relativas ao curso que escolheu. Dentre os 22 cursos que a Academia oferece estão os seguintes: Engenharia Elétrica, Engenharia Aeroespacial, Química, Ciências da Computação, Engenharia Mecânica, Oceanografia, Física, Matemática, Economia, Inglês, Engenharia de Sistemas, História, Chinês, Árabe e Ciências Políticas.

0600	<b>Personal Conditioning</b>
0700	<b>Formation &amp; Breakfast</b>
0800	
0900	
1000	<b>1<sup>st</sup> - 4<sup>th</sup> Academic Periods</b>
1100	
1200	
1300	<b>Formation &amp; Lunch</b>
1400	
1500	<b>5<sup>th</sup> – 6<sup>th</sup> Academic Periods</b>
1600	
1700	<b>Athletic Period</b>
1800	
1900	<b>Formation &amp; Dinner</b>
2000	
2100	
2200	<b>Academic Study Period</b>
2300	

Rotina básica



### PLEBES AND FIRSTIES – OS RANKS DA ACADEMIA

Na segunda-feira que se seguiu a nossa chegada, passamos a vivenciar a realidade diária dos Midshipmen da Brigada (Brigade of Midshipmen) e constatamos diversos fatos curiosos. Inicialmente, que os primeiranistas eram chamados de *plebes*, uma alusão à palavra latina para plebeus, que seriam a classe mais baixa dos cidadãos romanos. Por ser um ano que caracteriza a transformação da vida civil para a vida militar, os *plebes* tinham uma série de regras de procedimentos e tarefas que lhes eram atribuídas e iam desaparecendo conforme se tornavam mais antigos dentro da hierarquia (*ranks*) na Academia.

Dentre essas regras e tarefas, algumas chamaram mais a nossa atenção: *Square Corners*, *Beat Army* e o *Blue and Gold*. Os *plebes*, além de correr como diversos calouros de academias militares, não podem fazer curvas e, portanto, devem *Square Corners*, que consiste em somente se deslocar em linha reta. Para mudar de direção, os *midshipmen* do primeiro ano devem fazer ângulos de 90 graus e gritar duas frases que inundam os corredores da Academia: *Go Navy, Sir!* ou *Beat Army, Sir!*

Além disso, diariamente os *plebes* se reúnem ao final do dia (por volta das 22 horas) nos corredores dos camarotes, sob a supervisão dos veteranos das companhias (ou *firsties*, referência a *first class*, como são chamados os quartanistas), a fim de refletir sobre os fatos ocorridos no dia, elogiar aqueles que se tenham destacado, corrigir e orientar os procedimentos incorretos. Ao final dessas reuniões, os *plebes* diariamente cantam o *Blue and Gold*, a canção da Academia. Trata-se de um espetáculo à parte, em que verificamos uma das várias oportunidades que os *firsties* têm de exercer a sua liderança.

Falando em *firsties*, um tema fundamental são os aspirantes do quarto ano, que, embora com mais privilégios (são os úni-



cos autorizados a estacionar no *campus*, gozam um número de licenças maior etc.), têm, obviamente, mais deveres. Além de toda preocupação com os estudos e com os esportes, eles são responsáveis por comandar a brigada, que é composta por dois regimentos com três batalhões cada, compondo um total de 30 companhias. Toda essa estrutura é encabeçada pelo *Brigade Staff*, composto pelos oficiais-alunos, selecionados a cada seis meses para ocupar os cargos de comando e outras funções administrativas de relevância da brigada.

No topo da hierarquia da brigada está o *brigade commander*, correspondente, na nossa concepção, ao comandante-aluno. Para nossa surpresa (dado ao fato de não termos mulheres em nossa Escola Naval), era uma mulher, cuja opção de carreira foi ser piloto do Marine Corps (Corpo de Fuzileiros Navais).

Isso traz à tona o assunto da entrada das mulheres na USNA, que ocorreu em 1976, quando o Congresso americano autorizou a admissão de mulheres nas academias militares. Chamou-nos a atenção que não havia distinção de alas entre os camarotes femininos e masculinos, apenas a regra de que quando dentro do mesmo camarote estivessem aspirantes de sexos diferentes, a porta deveria permanecer aberta.

Ainda durante a primeira semana em que visitamos a USNA, acompanhamos um período complicado para os aspirantes – e dizemos complicado para quaisquer aspirantes de qualquer academia do mundo! –, o período de testes. Era impressionante o ritmo acelerado que os *mids* imprimiam à sua rotina nas provas de meio de período: andavam quase correndo no Yard ao irem de uma sala a outra e faziam as refeições rapidamente para terem mais tempo de estudar – em qualquer tempo vago estavam puxando uma folha em que pudessem dar uma última olhada antes da prova, viravam

noites estudando etc. Coisas que todo aspirante já fez!

## NOVA IORQUE E WASHINGTON

Em nosso tempo livre, aproveitamos para fazer passeios turísticos a duas cidades espetaculares: Nova Iorque e Washington.

Visitamos Nova Iorque num final de semana coincidente com o Valentines' Day e o President's Day, presenciando uma Nova Iorque lotada, fato que a tornava ainda mais bonita. Fomos a diversos pontos turísticos famosos, que borbulhavam de pessoas de todas as nacionalidades: Times Square, Rockefeller Center, Chrysler Building etc.

Na Big Apple, tivemos a chance única de caminhar pelo Central Park enquanto comíamos o tradicional (e pelo qual ansiamos, curiosos) *hot dog* de NY. E também, assistimos a uma peça do circuito Broadway, que com certeza contribuiu para nosso enriquecimento cultural.

Já em Washington, capital norte-americana, no último fim de semana, visitamos pontos que transbordavam de cultura, história e patriotismo americano. Acompanhados do Comandante Perrota, conhecemos o Vietnam Veterans Memorial, o Thomas Jefferson Memorial, o Washington Memorial e o Lincoln Memorial. Passamos também pela Casa Branca e pelo Capitólio e descobrimos que não é só política a tradição da cidade. Descendo pela Constitution Avenue, chegamos ao enorme complexo de museus chamado Smithsonian, onde visitamos o Museu Aeroespacial.

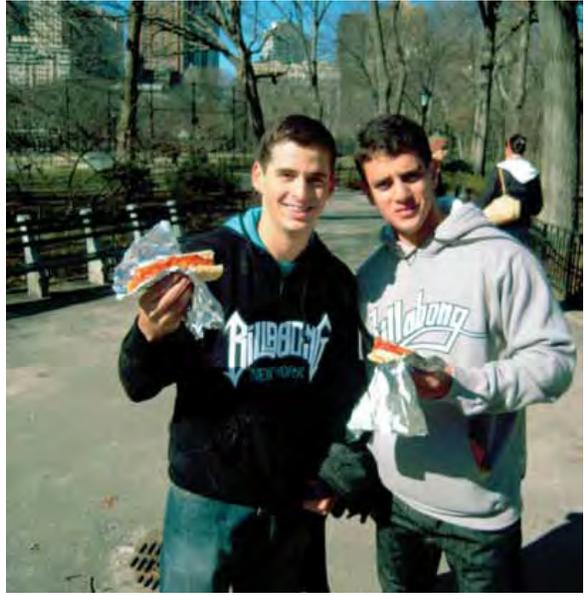
Antes de voltarmos a Annapolis, pudemos presenciar um fantástico pôr do sol à beira do Potomac River e sair da cidade satisfeitos por uma visita magnífica.

## O FIM

No fim do intercâmbio, tendo passado duas semanas inteiras na maior Academia

Naval do mundo, pudemos perceber como são muitas as semelhanças que nos unem enquanto Marinhas, nas diversas tradições e procedimentos, e também como são vários os traços que nos diferenciam, enquanto culturas de povos diferentes. Mas, acima de tudo, saímos com a satisfação de não termos nenhum sentimento de inferioridade no que diz respeito a nossa Escola Naval e a nossa formação de oficiais. Por isso, aspirantes que leem este artigo, fiquem tranquilos e felizes por cursarem a Escola Naval, cujas instalações não ficam nada abaixo das de uma Marinha referênciada no mundo inteiro.

De volta ao Brasil, vem-nos a felicidade de estar de novo em casa e em nossa Escola e ficam as lembranças de andar apressadamente pelo Yard, dos conveses no Bancroft Hall (prédio dos camarotes) e das conversas animadas no King Hall (o rancho dos aspirantes). Enfim, fica a expecta-



tiva de que sempre aumentem os laços que unem as Marinhas do Brasil e dos Estados Unidos da América.

✉ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNICE REMISSIVO:  
<EDUCAÇÃO>; Escola Naval;

# Laurindo

INFORMAÇÕES

(0XX-21) 2233.9165

# Pitta

O navio que continua  
a todo vapor



Ele participou da Primeira Guerra Mundial, realizando árduas tarefas de apoio. Sem dúvida, este foi o maior acontecimento na sua longa existência. São quase cem anos de atividade. Construído em 1910, na Inglaterra, por encomenda do Governo brasileiro, o Rebocador *Laurindo Pitta* prestou serviços até a década de 90.

Em 1997, a aposentadoria do *Laurindo* parecia irreversível. Atracado no cais da Base Naval, em Mocanguê, no Rio de Janeiro, estava imobilizado por obsolescência de suas máquinas. Mas a Marinha resolveu recuperá-lo. Para isso, contou com apoio e patrocínio da Liga dos Amigos do Museu Naval.

Hoje, ele está de volta à ativa, realizando passeios na Baía de Guanabara. A bordo, os passageiros podem visitar a exposição “A Marinha do Brasil na Primeira Guerra Mundial”. Além de fotos e reportagens publicadas em jornais da época, a mostra expõe modelos de embarcações da Divisão Naval em Operações na Primeira Guerra Mundial e peças da coleção do Almirante Frontin.

Venha navegar com o *Laurindo Pitta* e faça um passeio inesquecível pela História, e pela Baía de Guanabara.

